

**ANÁLISE DO DISCURSO E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS:
UM ESTUDO SOBRE O DISCURSO DO CORINGA
EM O CAVALEIRO DAS TREVAS**

Taís Turaça Arantes (UEMS)

taistania@gmail.com

Ronaldo Vinagre Franjotti (UEMS)

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é analisar o discurso do personagem fictício Coringa, um personagem psicótico com a feição de um palhaço ou da carta coringa do baralho, da editora norte-americana *DC Comics*, que pertence à mitologia do super-herói Batman. O recorte se concentra no discurso desse personagem extraído do longa metragem, de 2008, *Batman: O Cavaleiro das Trevas*. Nele, o Coringa faz um deslocamento da figura do Batman, o colocando como um vilão e não como um herói. Para tanto, a análise se apoiará na perspectiva da análise do discurso de linha francesa, e mediante isso, se servirá da base teórica dos estudos de Eni Puccinelli Orlandi (2005; 2008; 2012) e Michael Pêcheux (1990; 1997; 1999).

Palavras-chaves: Análise do discurso. Cinema. Coringa.

1. Introdução

Esse trabalho é uma sequência do artigo "O discurso de Selina Kyle em *Batman: O cavaleiro das Trevas Ressurge*"²⁵, no qual foi "observado em um de seus discursos em que estabelece questionamento sobre a divisão do capital social" (ARANTES; GOMES; AMARAL, 2013, p. 666), com o deslocamento de "sentido" (ORLANDI, 2012) que Selina Kyle faz do Batman.

O presente artigo analisa o "discurso" (ORLANDI, 2001) da "posição sujeito" (ORLANDI, 2012) do Coringa, no qual ele, assim como Selina Kyle, faz um deslocamento de "sentido" (ORLANDI, 2012) do Batman, colocando o homem-morcego como um vilão e não como herói. Novamente, o *corpus* é uma releitura cinematográfica *Batman: O Cavaleiro das Trevas*²⁶, lançado em 2008 e dirigido por Christopher Nolan. A

²⁵ Artigo publicado em coautoria com Nataniel dos Santos Gomes e Elisangela da Silva Amaral na *Revista Philologus*, n° 57, set./dez. 2013.

²⁶ A releitura é de uma *graphic novel* da editora *DC Comics*. Nesse sentido vale ressaltar que a mesma possui um olhar mais atento às necessidades das camadas menos favorecidas atualmente, percebe-se isso com as críticas que acontecem em suas HQs, geralmente, ambientadas em cidades fictícias, tal como Gotham.

base teórica utilizada é a análise do discurso de linha francesa.

Em um de seus “enunciados”, Coringa expõe sua posição, enquanto “sujeito enunciativo” (ORLANDI, 2012), a respeito desse deslocamento de “sentido” (*idem*) que ele faz do Batman. Coringa traz para esse discurso suas “práticas ideológicas” (RODRIGUES & SILVA, 2009) por intermédio da “memória discursiva” (PÊCHEUX, 1999).

Nesse sentido, constata-se que tornar uma releitura cinematográfica de uma *graphic novel*²⁷ objeto de estudo para poder analisar os “enunciados” (PÊCHEUX, 2008) é assumir que esse tipo de material possui uma relevância social, a ponto de, por intermédio desse tipo de leitura, se abrir um espaço para a reflexão social.

Dentro do todo constituído pela enunciação do Coringa em todo o longa metragem, esse trabalho analisou os enunciados presentes no discurso realizado durante a cena que se passa na sala de interrogatório em Batman: o cavaleiro das trevas. O objetivo geral, relembrando, consiste em analisar o deslocamento do “sentido” feito sobre Batman, da mesma forma que os objetivos específicos são discutir a posição sujeito do Coringa e o sentido que ele constrói do Batman.

2. Objetivo geral

O objetivo geral constituiu-se em analisar o deslocamento do “sentido” que Coringa faz em um de seus “enunciados” a respeito do Batman, a partir de seu posicionamento ideológico.

3. Objetos específicos

1. Analisar um dos “discursos” do Coringa na adaptação cinematográfica.
2. Discutir qual é a “posição sujeito” do Coringa nesse discurso em relação ao Batman.

²⁷ O termo é geralmente utilizado para se referir as histórias em quadrinhos de longa duração que possui como público o leitor adulto, uma vez que os temas adotados nesse gênero são sobre questões sexuais, violência e drogas, por exemplo.

3. Analisar qual é o “sentido” que Coringa construiu do Batman nesse discurso.

4. Metodologia

A metodologia utilizada para este trabalho consistiu em, no primeiro momento, recortar os enunciados do Coringa que compõe seu discurso durante a cena em que ele está na sala de interrogatório, cujo início se dá com uma hora e vinte e sete minutos do princípio da projeção do referido longa. No segundo momento, os enunciados obtidos por esse recorte são analisados de acordo com os objetivos propostos e com o suporte teórico da linha de pesquisa escolhida, no caso análise do discurso.

5. Fundamentação teórica

Eni Puccinelli Orlandi (2012) explica que a análise do discurso de linha francesa é um campo de estudo da Linguística. Contudo é preciso atentar para o fato de existirem diversas formas de se estudar a linguagem, “pois é justamente pensando que há muitas maneiras de se significar que os estudiosos começaram a se interessar pela linguagem de uma maneira particular que é o que deu origem à análise do discurso” (ORLANDI, *idem*, p. 15). Ao se fazer uma retrospectiva sobre os estudos da área da linguística se têm os estudos voltados para o texto com outra perspectiva: a de “associar fundamentalmente reflexão sobre os textos e história. Consideremos, por exemplo, [...] a filologia tradicional”. (MANGUENEAU, 1997, p. 09)

Dessa forma, a análise do discurso se constitui entremeios, ou seja, no entrelaçamento da linguística, do marxismo e da psicanálise. Como explica Eni Puccinelli Orlandi (2012, p. 19) que “nos anos 60, a análise de discurso se constitui no espaço de questões criadas pela relação entre três domínios disciplinares que são ao mesmo tempo uma ruptura com o século XIX: a linguística, o marxismo e a psicanálise”. Por isso, a “análise do discurso” (ORLANDI, *idem*), que se apropria dos acréscimos de cada uma dessas três áreas, estuda o texto sobre outra ótica: o discurso.

Antes de tratar sobre “discurso”, reflete-se sobre o texto, pois, como já dito, o discurso é objeto de análise da análise do discurso e ampliar essa relação de texto e discurso, traz uma melhor compreensão do que ambos significam dentro da referida teoria. Eni Puccinelli Orlandi

(2008, p. 59) nos diz que “um texto, tal como ele se apresenta enquanto unidade (empírica) de análise, é uma superfície linguística fechada nela mesma: tem começo, meio e fim”. E que “não é no texto em si que estão (como conteúdos) as múltiplas possibilidades de sua leitura, é no espaço constituído pela relação do discurso e o texto, um entremeio, onde jogam os diferentes gestos de interpretação” (ORLANDI, 2012, p. 68), ou seja, a autora nos explica que não é somente “marcas visíveis só na língua”, ou tão somente “ações do contexto”, pelo contrário, são “relações estabelecidas a partir de uma articulação material fundamental, a do texto com o discurso”. (ORLANDI, *idem*)

Ainda sobre o texto, Sírío Possenti (2012, p. 251) nos explica que:

Talvez a principal observação de Pêcheux sobre texto seja a que se lê em AD: “[...] é impossível analisar um discurso como um texto”. Esta afirmação tanto recusa o texto como unidade (na verdade, a unidade para a AD é um arquivo, uma dispersão de textos) quanto a necessidade de analisar um texto enquanto tal para “descobrir” qual discurso ele materializa predominantemente. Sabe-se que o texto é o tipo de unidade mais característica tanto da produção quanto da “recepção” do discurso. É nele que se materializa. (POSSENTI, p. 251)

Dessa forma, ressalta-se que o “discurso” é o objeto de análise e o “texto” como ele se constitui linguisticamente. Nesse sentido, sobre o discurso, Eni Puccinelli Orlandi (2012, p. 20-22) explica que:

A noção de discurso, em sua definição, distancia-se do modo como o esquema elementar da comunicação dispõe seus elementos, definindo o que é mensagem [...] O discurso não corresponde à noção de fala pois não trata de opô-la à língua como sendo esta um sistema, onde tudo se mantém, com sua natureza social e suas constantes.

Constata-se que não é um simples processo a ocorrência do discurso, que ele também não se reduz a uma transmissão de mensagem, por isso é considerado um fenômeno social à medida em que também é considerado um processo histórico contínuo (ARANTES; GOMES; AMARAL, 2013). “O discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto”. (ORLANDI, *idem*, p. 22)

Eni Puccinelli Orlandi (2012, p. 09) também explica que:

Os processos de produção do discurso implicam três momentos igualmente relevantes:

1. Sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto

histórico-ideológico mais amplo;

2. Sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas e
3. Sua circulação que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições. (ORLANDI, 2012, p. 09)

Leva-se, então, para a questão do enunciado dentro do discurso, que para Michel Pêcheux (2008, p. 53) “todo enunciado, toda sequência de enunciadador é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso”. Entende-se que o enunciado é uma unidade básica que integra o discurso.

Nessa perspectiva, vê-se a necessidade de se refletir sobre o sujeito dentro da teoria da análise do discurso. Eni Puccinelli Orlandi (2012, p. 22) explica que “no funcionamento da linguagem, como veremos, o seu sujeito é constituído por gestos de interpretação que concernem sua posição. O sujeito é a interpretação. Fazendo significar, ele significa. É pela interpretação que o sujeito se submete à ideologia”. Dessa forma, o sujeito é aquele que utiliza da língua para comunicar uma mensagem, contudo é preciso ressaltar que o discurso do sujeito possui uma influência da posição em que se fala, ou seja, para quem ele fala.

Um exemplo bem simplório a esse respeito é que o sujeito tende a reproduzir um tipo de discurso e não outro em alguma determinada situação, em suma, se o sujeito estiver representando um partido político no qual se defenda a meritocracia, o mesmo não irá dizer em seu discurso que é favor de cotas em universidades públicas. Como Eni Puccinelli Orlandi (2012, p.99) explica que:

[...] podemos então observar os sentidos possíveis que estão em jogo em uma posição-sujeito dada. Isso porque, como sabemos, o sujeito, na análise de discurso, é a posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso. Essa projeção-material transforma a situação social (empírica) em posição-sujeito (discursiva).

Dessa forma, a posição do sujeito, como explica Michel Pêcheux e Catherine Fuchs (1997, p. 166-167) é o que determina “o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico”. Ainda sobre posição sujeito, Marlon Leal Rodrigues (2010, p. 305) nos diz que “a posição-sujeito é condição necessária para o sujeito se enunciar

ar nos espaços das relações sociais, marcadas pelas disputas históricas”. Em outras palavras o “sentido” do discurso possui uma relação com a posição do sujeito, pois “as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidos”. (PÊCHEUX, 1997, p. 160-161)

Compreende-se que o sujeito é um ser social que é interpelado pela ideologia, como explica Eni Puccinelli Orlandi (2012, p. 46) que “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos”. Dessa forma, o sujeito é carregado de ideologia, pois “não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados” (ORLANDI, *idem*, p. 47), por isso o sujeito pode falar de diferentes posições. Para exemplificar, basta que se observe a situação de um ser humano do sexo masculino que, dentro de sua casa, em relação a sua família, ocupa a posição de pai; em seu emprego, ocupa a posição de funcionário ou chefe; na casa dos pais, ocupa a posição de filho, e assim por diante. O seu discurso terá distinções dependendo a posição que o indivíduo ocupar.

Nesse sentido, Michel Pêcheux (1997, p. 2013) reflete sobre as “práticas discursivas”, que para ele, “estão inscritas no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das formações discursivas que caracterizam a instância em condições históricas dadas”. Uma vez que não existe “prática discursiva sem sujeito” (*idem*, p. 214), em suma, como o teórico explica que “todo sujeito é constitutivamente colocado como autor de e responsável por [...] suas ‘condutas’ e por suas ‘palavras’ em cada prática que se inscreve” (*idem, ibidem*). Relembrando que essa “responsabilidade” está ligada com as “formações ideológicas” do sujeito.

Dessa forma, se organiza a discussão sobre ideologia dentro da análise do discurso. A partir das leituras realizadas acerca da Ideologia, compreende-se que ela possui diferentes significados. Para tanto, ao longo da pesquisa, no que tange à fundamentação teórica, utilizou-se das definições de ideologia feitas pelos teóricos Michel Pêcheux (1997) e Eni Puccinelli Orlandi (2012). Para Michel Pêcheux, (*idem*, p. 152) “[...] o conceito de Ideologia em geral permite pensar ‘o homem’ como ‘animal ideológico’, isto é, pensar sua especificidade enquanto parte da natureza, no sentido espinosano do termo”. Michel Pêcheux resgata e faz uma “nova leitura”²⁸ do trabalho de Althusser²⁹ e consolida a posição da ideo-

²⁸ Ao se usar a expressão “nova leitura” está se referindo ao fato que Michel Pêcheux faz a discussão sobre a Ideologia a partir dos escritos de Althusser.

logia na teoria da análise do discurso³⁰. Eni Puccinelli Orlandi (2012, p. 105), explica que:

a ideologia se caracteriza assim pela fixação de um conteúdo, pela impressão do sentido literal, pelo apagamento [...] Na medida em que a análise de discurso trabalha o efeito ideológico, ela toma posição face a um conjunto de questões colocadas em relação à significação e à história.

Ainda segundo Eni Puccinelli Orlandi (2012, p. 100), “a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história”. Essa interpelação está ligada com o que já foi citado: que não há sujeito sem ideologia. A ideologia acontece pelo inconsciente. Tome-se como exemplo um indivíduo dentro de uma sociedade, ele já nasce em uma cultura pré-estabelecida, ou seja, que já possui uma língua, uma história e práticas sociais. O processo de simbolização seria aquele em que ele passa de indivíduo para sujeito. (RODRIGUES & TAFARELLO, 2009)

Ainda sobre ideologia, Marlon Leal Rodrigues (2011, p. 30 *apud* ROMERO & RODRIGUES, 2014, p. 04) explica que a “ideologia junta às palavras às coisas, produzindo sentidos determinados, fazendo que, no entanto, o sujeito pense ser autor do seu próprio dizer”. Isso nos faz refletir que o discurso não é algo transluzente, pois o mesmo é carregado de ideologia, devido aos processos históricos sofridos pelo sujeito enunciatador. Com isso, como já discutido, o sujeito está influenciado por condições históricas e interferências sociais, como diz Marlon Leal Rodrigues (2010, p. 05) que “nessa perspectiva, parece não haver espaço para que o sujeito possa dizer ‘eu’ sem passar por estas instâncias”.

Nesse sentido reflete-se sobre as condições de produção:

Elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória “aciona”, faz valer, as condições de produção, é fundamental [...] Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico. (ORLANDI, 2012, p. 30)

²⁹ A referência que Michel Pêcheux usa em sua discussão sobre ideologia é a seguinte: ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do Estado*.

³⁰ A proposição de Louis Althusser (1997) sobre ideologia e sujeito serve como um dos pontos de partida para a reflexão de Michel Pêcheux [...] As considerações de Michel Pêcheux sobre a ideologia abordam que ela é constitutiva dos sujeitos e dos discursos pelo processo de interpelação do indivíduo em sujeitos do discurso e da ideologia. (RODRIGUES & GOMES, 2014, p. 48)

Entende-se que as condições de produção influenciam o discurso, ou seja, o lugar que o sujeito está inserido tem influência sobre o seu discurso, pois a classe social e a profissão fazem com que o discurso seja algo sistematizado. Dessa forma, as condições de produção também tendem a compreender a memória.

Antes de se discutir sobre memória, se faz a reflexão sobre o sentido. O sentido tende a variar de acordo com a ideologia/posição ideológica do sujeito enunciatador, em suma, de acordo com o sujeito que pronuncia o discurso, pois “podemos dizer que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas [...] daqueles que as empregam” (ORLANDI, 2012, p. 42-43). O sujeito e sentido se “constituem ao mesmo tempo, na articulação da língua com a história” (ORLANDI, 2012, p. 99), é “assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos” (ORLANDI, 2012, p. 47). Dessa forma, compreende-se que o sentido entrelaça o proferimento da língua com a ideologia. Entende-se que o sentido não é algo estático dentro do discurso, pois ele tende a se flexionar de acordo com a posição do sujeito, bem como com as condições de produção.

Sobre memória Michel Pêcheux (1999, p. 50) nos diz que “memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas no sentido entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”. Como Eni Puccinelli Orlandi (2005, p. 11) explica que:

Pêcheux não separa categoricamente estrutura e acontecimento, relacionando a linguagem a sua exterioridade, ou seja, o interdiscurso. Ele define este como memória discursiva, o já-dito que torna possível todo o dizer. De acordo com este conceito, as pessoas são filiadas a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos por intermédio da ideologia e do inconsciente. (ORLANDI, 2005, p. 11)

Ou seja, nenhum discurso surge “do nada”, por assim dizer, o sujeito carrega marcas históricas, no sentido de que seu discurso deve trazer ocorrências da história já vividas pela humanidade em diversas épocas. Em suma, o sujeito “resgata todo um sentido construído por uma história de classe”. (RODRIGUES, 2009, p. 07)

São esses os aspectos da teoria da análise do discurso que interessam para analisar o discurso do Coringa em relação ao deslocamento de “sentido” do Batman, na adaptação cinematográfica já referida.

6. O contexto de Gotham City

Eni Puccinelli Orlandi (2005, p. 11) nos diz que “o dizer está ligado às suas condições de produção. Há um vínculo constitutivo ligando o dizer com sua exterioridade”. Com isso se faz uma contextualização da cidade de qual Coringa profere seu discurso, pois se torna algo viável para o presente trabalho.

Pode-se analisar a cidades por duas óticas, a primeira voltada para seus aspectos físicos e o segundo voltado para os aspectos econômicos e sociais de Gotham. A primeira ótica mostra que por ter uma ausência de luz a cidade tem um aspecto voltado para a morte, mas a ótica que realmente nos interessa é a segunda, pois é a partir dela que se discute a “posição sujeito” do Coringa.

O poder econômico centra-se em uma única fonte de renda: as Indústrias Wayne. Dessa forma o poder aquisitivo fica apenas para uma minoria, gerando dessa forma uma desigualdade entre as classes. A maioria da população tem que se adaptar a esse meio para conseguir viver com os resquícios que para eles são designados. Por isso, há um alto nível de criminalidade na cidade, um exemplo é a Zona Leste, na qual se concentra grande parte do tráfico e um alto número de mulheres e crianças na prostituição.

Nessa perspectiva, faz-se a relação de Gotham com Coringa. Ao passo que Coringa ocupa a posição de uma pessoa que está inserida na parte excluída³¹ de Gotham. Enquanto Batman, que também é Bruce Wayne, “possui, no entanto, o que a maioria das pessoas almejam numa sociedade capitalista: muito dinheiro [...] Esse é, na verdade, seu grande poder [...] para fazer justiça *pelas próprias mãos*”, a explicação de Maria Angela Gomez Rama (2006, p. 66) nos leva a conclusão de que Batman ocupa uma posição favorável em Gotham City, pois ele é dono das Indústrias Wayne.

6.1. O filme "Batman: O Cavaleiro das Trevas"

O filme é sombrio, como acontece, aliás, na maior parte das histórias em quadrinhos do Batman. A carga semântica da palavra “sombrio” não está somente relacionado à questão da ausência do verde na cidade,

³¹Excluída no texto significa que Coringa pertence à camada menos favorecida de Gotham.

na qual as cores sempre estão voltadas para os tons cinzas ou preto, o sombrio possui uma relação simbólica, pois a cidade é um lugar perigoso e de poucas oportunidades.

A estrutura do longa descreve o momento em que Batman direciona seus esforços para acabar com os restos das organizações criminosas que controlam as ruas de Gotham. Após a sua aparição, muitos na cidade se vestem como ele, tentando fazer justiça. O filme consagra o “sentido” de herói do Batman, colocando-o como aquele que pode salvar Gotham de qualquer perigo.

Para isso, Batman tem ao seu lado como parceiros o Tenente Jim Gordon e o Promotor Público Harvey Dent. As coisas parecem estar fluindo bem, até que eles percebem que estão inseridos em um contexto de puro terror, projetado por uma mente genial, mas criminosa, o vilão Coringa.

Coringa começa a ajudar aos grandes traficantes e bandidos de Gotham e se oferece para matar Batman. Por esse ato, ele cobra metade do dinheiro que a máfia possui. O personagem ainda faz pressão psicológica com a população de Gotham, invadindo transmissões da televisão para mostrar as pessoas que mata e alega que só vai parar quando Batman revelar sua verdadeira identidade.

6.2. O discurso do Coringa

O discurso acontece em uma cela de interrogatório, logo após a captura do Coringa, que a polícia de Gotham só pode realizar com a ajuda de Batman. Com uma hora e vinte e sete minutos da adaptação cinematográfica, as luzes da sala se acendem e Batman surge e bate a cabeça do Coringa na mesa, o mesmo “enuncia”: “Nunca comece com a cabeça, a vítima fica tonta... Não dá para sentir...”. Batman bate na mão do mesmo, e Coringa completa dizendo “Viu!?”. Para uma melhor descrição Coringa queria dizer que não dá para sentir dor. Batman responde para ele: “Você me queria. Aqui estou”. Coringa encara o mesmo e responde: “Querida ver o que você iria fazer. E você não desapontou”.

Coringa continua a “falar” sem tirar os olhos do Batman “Deixou 5 pessoas morrerem e depois o Harvey Dent³² pegar o seu lugar”. Corin-

³²Dentro da história, Harvey Dent é um Promotor Público de Gotham.

ga entorta a cabeça um pouco para a lateral e coloca a língua para fora (uma mania do personagem durante o filme), e completa “Até eu acho isso frio”. Batman parado só pronuncia “Onde está Dent?”... De forma natural Coringa continua a “enunciar”: “A máfia idiota quer você morto pra tudo voltar ao normal. Mas sei a verdade. Não tem mais volta. Você mudou as coisas. E para sempre”... Batman pergunta “Por que quer me matar?”... Coringa dá uma risada em forma de deboche e “diz”: “Eu não quero te matar! O que eu faria sem você? Roubar os mafiosos de novo? Não, não. Não! Você me completa”.

Batman, com a postura séria, “fala” para Coringa: “É um lixo que mata por dinheiro”... Coringa, então, faz o deslocamento de “sentido” de Batman “Não fale como um deles, você não é! Mesmo se quiser ser. Para eles você é só uma aberração. Assim como eu! Precisam de você agora. Mas quando não precisam, eles o deixam de fora, como um leproso. Olhe, os princípios deles, suas leis, são tudo uma piada ruim. As pessoas são tão boas quanto o mundo permite. Vai ver, quando essa coisa acabar, essa... essa gente civilizada... vão engolir uns aos outros. Eu não sou um monstro. Só sou mais avançado.”

7. *Análise dos enunciados*

Os seguintes “enunciados” (PÊCHEUX, 2008) analisados abaixo constituem o mesmo “sentido” (ORLANDI, 2012), pois todos os recortes trazem a mesma problemática para o deslocamento do sentido que Coringa faz do Batman. Eis os enunciados:

10. “Não fale como um deles, você não é! Mesmo se quiser ser.”
11. “Para eles você é só uma aberração. Assim como eu!”
12. “As pessoas são tão boas quanto o mundo permite.”
13. “Vai ver, quando essa coisas acabar, essa... essa gente civilizada vão engolir uns aos outros.”
14. “Precisam de você agora. Mas quando não precisam, eles o deixam de fora, como um leproso.”

No enunciado (01), é pelo “processo metafórico”³³ (PÊCHEUX,

³³ Michel Pêcheux (1997, p. 130) explica que “é um processo não-subjetivo na qual o sujeito se constitui”. Um pouco mais a frente em seu texto, Michel Pêcheux (*idem*, p. 132) complementa dizendo

1997) que Coringa faz o deslocamento de “sentido” do Batman. Observa-se que o sentido da expressão “um deles”. Coringa utiliza o artigo definido “um” para indicar a generalização da figura do Batman e a contração de valor pronominal possessivo “deles” para se referir aos policiais. Tais policiais, por estarem a serviço da justiça e do lado da lei, também representam as pessoas civilizadas de Gotham.

Nesse mesmo enunciado, o deslocamento do “sentido” do Batman se dá quando Coringa enuncia: “você não é!”. Esse deslocamento acontece, pois Batman, no contexto em que está inserido, tem a convicção de ser alguém que pode salvar a cidade e estabelecer a ordem do caos, ou seja, ser mais “um” dos servidores da lei e da justiça.

No enunciado (02), Coringa continua esse deslocamento de “sentido”, associando a figura de Batman sua própria. Dessa forma, Batman deixa de ser o herói e se torna uma aberração, como o próprio Coringa. Coringa, enquanto “sujeito”, constrói sua “posição sujeito” de alguém anormal, ou seja, ele nega a postura de vilão. Dessa forma, por contraposição, Coringa nega também que Batman é um herói.

Quando enuncia que o herói “é só uma aberração”, ele afirma que, para Gotham, por mais que a imprensa ou o próprio Batman acreditem ser ele um sujeito que faça sempre o bem, ele não se configura um herói. O adjetivo “aberração” define esse deslocamento, uma vez que seu sentido está ligado ao do próprio Coringa, ou seja, que Batman, um homem que se fantasia de morcego, não é diferente de um homem que tem a aparência de um palhaço.

Em (03) e (04), Coringa dirige seus enunciados às pessoas que possuem uma classe social favorável em Gotham, pois ele afirma que a população civilizada só o é porque não precisa fazer muito para sobreviver e, quando lhes for tirado o bem-estar no qual se encontram, elas não conseguirão manter seus valores morais. Coringa substitui nesses enunciados sua “posição sujeito” (ORLANDI, 2012), pois do local de onde o mesmo fala, ele se projeta do seu lugar no mundo para a sua posição no discurso.

No enunciado (05), A expressão “deixam de fora” remete ao fato

que “a concepção do processo de metáfora como processo sócio-histórico que serve como fundamento da ‘apresentação’ de objetos para sujeitos, e não como uma simples forma de falar que viria secundariamente”. Ou seja, tem sua consistência em se utilizar de uma palavra ou expressão e não de outra.

de Coringa ser um cidadão obrigado a ser virar como pode, que mesmo assim não tem espaço, pois somente a classe dominante, a elite que representa uma parcela menor dos cidadãos de Gotham, consegue expor suas opiniões e dita as regras para o restante da sociedade.

Além disso, pode se evocar também a completude do sentido “deixam de fora” com a expressão de comparação “como um leproso”. Como já mencionado, nenhum discurso surge “do nada”, e esse enunciado resgata o discurso bíblico no qual se narra que os leprosos ficavam à margem da sociedade, excluídos do convívio social, pois a lepra era considerada uma impureza moral, não apenas uma doença infecto-contagiosa.

Relembrando a fundamentação teórica, “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia” e que “ao inscrever-se na língua o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, daí resultando uma forma sujeito histórica” (ORLANDI, 2005 p. 02), percebe-se que o sujeito enunciativo, ao se enunciar “como um leproso”, reflete a sua própria posição dentro da sociedade capitalista de Gotham. Ele é aquele que sempre esteve relegado, aquele em que não se devia confiar e que não deveria participar da sociedade.

A sociedade de Gotham, tal qual se percebe nos enunciados (03) e (04) do Coringa, é falsa, uma vez que “essas pessoas” (a alta classe na qual o próprio Bruce Wayne se insere), para ele, nunca experimentou o sofrimento. Por isso, tal sociedade não pode entender o porquê do Coringa anseia pelo caos em Gotham. Seu objetivo é mostrar para a população que Batman não é um herói e mostrar ao arquirrival que não é possível salvar os cidadãos de si mesmos. Essa última premissa fica subentendida na expressão “essas pessoas”, ela se refere a todos que, mesmo julgando-se ao lado da lei – como Batman e os policiais – não são pessoas verdadeiramente “boas” para o Coringa.

8. Conclusão

O vilão em questão teve que se adaptar às estruturas sociais e aprendeu a se virar com o que lhe sobrou. É possível se arriscar e dizer que ele cometeu tais atos por entender como a sociedade funciona. Ele defende a premissa de que se se inserir um pouco de caos na vida das pessoas, elas não saberão como reagir, perderão sua humanidade e liberarão seu instinto de sobrevivência animal.

No filme de Christopher Nolan, temos um Coringa que entende muito bem a mecânica das relações sociais a sua volta e percebe o Batman como alguém semelhante a ele. E é por Coringa acreditar nessa igualdade, e ver Gotham como um abatedouro que só precisa de um pouco de tormento para as pessoas serem o que realmente são, que ele assume o papel de uma pessoa muito racional e a postura de seu próprio advogado.

Logo, através dos pressupostos teóricos da análise do discurso, foi permitido se chegar a este sentido sobre esse discurso do Coringa. Ressalta-se ainda que, assim como acontece com todo discurso, o sentido do discurso do Coringa se encontra aberto para outras interpretações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Taís Turaça; AMARAL, Eliângela Leal da Silva; GOMES, Nataniel dos Santos. O discurso de Selina Kyle em Batman: O Cavaleiro das Trevas ressurgue. *Revista Philologus*, ano 19, n. 57 – Supl.: Anais da VIII JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2013. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/57supl/66.pdf>>. Acesso em: 28-11-2014.

BATMAN: o cavaleiro das trevas. Legendary Pictures, Syncopy Films, DC Comics. Título original: *Batman: The dark knight*. EUA, 2008 – DVD: 152 minutos. Lançamento: 18 de julho (EUA, Brasil). Direção e produção: Christopher Nolan.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2012.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2012.

_____. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: *Anais do SEAD – Seminário de Estudos em análise do discurso*, vol. 1, n. 1, p. 01-16, 2005. Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/CONFERENCE/EniOrlandi.pdf>>. Acesso em: 10-12-2014.

_____. Michel Pêcheux e a análise do discurso. In: *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, n. 1, p. 09-13, junho/2005. Disponível em:

<<http://www.cpepin.org/estudosdalinguagem/n1jun2005/artigos/orlandi.pdf>>. Acesso em: 28-11-2014.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999, p. 49-58.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp, 1997.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

_____; FUCHS, Catherine. A propósito de da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Toni. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1997, p. 163-254.

POSSENTI, Sírio. Notas sobre língua, texto e discurso. In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília (Orgs.). *Texto ou discurso*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 257-268.

RAMA, Maria Angela Gomez. *A representação do espaço nas histórias em quadrinhos do gênero super-heróis: a metrópole nas aventuras de Batman*. 2006. Dissertação (Mestrado). – Universidade de São Paulo. São Paulo.

RODRIGUES, Marlon Leal. Alguns aspectos das condições de um acontecimento discursivo. *Sínteses*, UNICAMP, on-line, vol. 01, p. 298-314, 2010. Disponível em:

<<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/sinteses/article/viewFile/836/584>>. Acesso em: 05-12-2014.

_____. *Academiae Militaris aut in Academiam Militaris. Web-Revista Discursividade: Estudos Linguísticos*, vol. 06, p. 01-26, 2010. Disponível em:

<<http://www.discursividade.cepad.net.br/edicoes/06/arquivos/rodrigues.pdf>>. Acesso em: 07-12-2014.

_____. Análise linguístico-discursiva. *Página de Debate: Questões de Linguística e de Linguagem*, vol. 01, p. 01-14, 2009. Disponível em:

<<http://www.uems.br/na/linguisticaelinguagem/EDICOES/03/Arquivos/0>>

[1%20Marlon%20Leal%20Rodrigues.pdf](#)>. Acesso em: 07-12-2014.

_____; SILVA, Selma Aparecida dos Santos. Ideologia, discurso e linguagem. *Página de Debate: Questões de Linguística e de Linguagem*, vol. 01, p. 01-10, 2009. Disponível em:

<<http://www.uems.br/na/linguisticaelinguagem/EDICOES/11/Arquivos/04%20%20Marlon%20e%20Sandra.pdf>>. Acesso em: 03-12-2014.

_____; GOMES, Nataniel dos Santos. V de Vingança, de Alan Moore, e o processo de subjetivação. In: GOMES, Nataniel dos Santos; ABRÃO, Daniel. (Orgs.) *Grandes poderes trazem grandes responsabilidades: refletindo sobre o seu das histórias em quadrinhos em sala de aula*. Curitiba: Appris, 2014, p. 45-72.

_____; TAFARELLO, Paulo César. Linguagem e ideologia. *Página de Debate: Questões de Linguística e de Linguagem*, vol. 6, p. 01-08, 2009. Disponível em:

<<http://www.uems.br/na/linguisticaelinguagem/EDICOES/06/Arquivos/02.pdf>>. Acesso em: 06-12-2014.

ROMERO, Maiara Cano; RODRIGUES, Marlon Leal. A língua guarani jopará: uma questão de identidade. In: *Web- Revista Sociodialeto*, vol. 05, n° 13, p. 01-17, 2014. Disponível em:

<<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/18/08082014100332.pdf>>. Acesso em: 09-12-2014.